

**A AFRO-BRASILIZAÇÃO E A POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO DA  
REALIDADE SOCIAL AFRICANA E BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>**

**Patrício Vitorino Langa<sup>2</sup>**

**Resumo:** Muito já se escreveu sobre os reducionismos a que África e o Brasil têm sido sujeitos enquanto objectos de conhecimento. A ideia de África e do Brasil já foram inventadas e reinventadas por vários autores de diversas correntes ideológicas, políticas, literárias, filosóficas e epistemológicas (MUDIMBE, 1988; IANNI, 1992). A questão de saber de que África e de que Brasil se está a falar quando nos referimos a essas duas entidades é, portanto, mais do que legítima. Nesta comunicação, pretendo refletir sobre os desafios epistemológicos e metodológicos para a recuperação gnosiológica destas duas entidades enquanto objectos de estudo e produção de conhecimento. A partir dos pressupostos analíticos da sociologia do quotidiano, defendo uma postura epistemológica que dê conta de práticas sociais históricas, por um lado, e das práticas quotidianas por outro, i.e., com temporalidades e espacialidades em permanente mutação, confluindo para um processo de produção de identidades sociais dinâmicas sobre a África e o Brasil. Neste sentido, a africanização dos brasis e a brasilização das áfricas, no que designo por afro-brasilização recupera e sugere uma postura epistemológica, à luz de Simmel (1983, 1996), que dá conta da condição de possibilidade, portanto, de um ser que ainda não é, e de um fazer e desfazer permanente da realidade social Africana e Brasileira.

**Palavras-chave:** Afro-brasilização. Africanização. Brasilização. Desafios Epistemológicos

**Abstract:** Much has been written about the reductionism that Africa and Brazil have been under as objects of knowledge (MUDIMBE, 1988; IANNI, 1996). The idea of Africa and Brazil have already been invented and re-invented by several authors from various ideological, political, literary, philosophical and epistemological perspectives. The questions about what Africa or Brazil are we talking about when we refer to these two entities attests therefore more than legitimate. In this paper, I intend to reflect on the epistemological and methodological challenges for the recovery of these two entities as objects of study and production of knowledge. From the analytical assumptions of the sociology of everyday life, I advocate an epistemological approach

---

<sup>1</sup> O artigo resultou da comunicação apresentada na Mesa “Africanidades e Brasilidades: desafios epistemológicos” que compartilhei com as professoras Adelia Miglievich-Ribeiro e Julia Almeida ambas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) durante o I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades: ensino, pesquisa e crítica realizado na Universidade Federal do Espírito Santo entre os dias 26 e 29 de junho de 2012, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia e Educação, concentração em Estudos do Ensino Superior (*University of Cape Town, South-Africa*). Professor de Sociologia e Estudos de Ensino Superior da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), onde também é o coordenador do Programa de Mestrado em Estudos de Ensino Superior e Desenvolvimento (MESD). Pesquisador sênior associado e professor visitante do Programa “*Higher Education Studies*”, do Centro de Estudos do Ensino Superior (*Centre for Studies of Higher Education*), Universidade do Cabo Ocidental, África do Sul.

that accounts for historical social practices on the one hand, and every day practices on the other, i.e., with temporalities and spatiality's constantly changing, converging to a production of dynamics social identities. In this sense, the Africanization of the Brazils and Brazilianization of Africas, I call the afro-brazilianization retrieves and suggests an epistemological stance in light of Simmel (1983, 1996), who accounts the condition of possibility, therefore, a being who is not, and permanent making and unmaking of the African and Brazilian social reality.

**Key-words:** Africanization, Brazilianization, Africa, Knowledge, Epistemological Challenges,

## Introdução

Uma postura epistemológica e metodológica capaz de dar conta do amplo processo de 'afro-brasilização' exige do investigador a atenção para as práticas quotidianas constitutivas de espaços sociais de reencontros entre a África e o Brasil. O tema escolhido para o presente congresso, "*Africanidades e Brasilidades: Ensino, Pesquisa e Crítica*", tem o mérito de vincar a multiplicidade e complexidade da África enquanto continente e do Brasil enquanto país. Um problema imediato ao abordar a África (neste sentido também o Brasil) é o perigo da generalização bem apontado por Mkandawire (2011). Segundo Mkandawire (2011), quando se trata de um continente com 57 países soberanos, sete fusos horários, milhares de línguas e pelo menos sete climas, com cerca de um milhão de habitantes e, para o espanto de muitos, 14 milhões de provérbios não mutuamente consistentes, temos que prestar atenção para os reducionismos. Portanto, não nos escapa de vista a observação de que situar geopoliticamente ao mesmo nível, no plano analítico, um continente e um país não seria metodologicamente prudente. Aliás, como nos lembra Adesanmi (2011) - no seu livro com o título: "*You're Not a Country, Africa*", - Você Não é um País, África. Estamos, portanto, conscientes de que eventualmente no lugar das brasilidades fosse americanidades, e não só as americanidades latinas uma vez que a esse nível também descontinentalizávamos. Africanidades e americanidades colocariam no mesmo plano analítico duas realidades continentais. Poderíamos também ter Moçambicanidades e Brasilidades duas realidades nacionais.

Para a questão: o que é África? Cabem várias respostas. É da necessidade permanente de se redefinir a África que surgiram construções literárias de criatividade assinalável. Abioseh Nicol (2011), poeta e intelectual da Serra Leoa, da geração nacionalista e da luta anticolonial,

exclamou em um de seus poemas intitulado ‘*The Meaning of Africa*’, portanto, O significado de África, nos seguintes termos:

*You are not a country, Africa,  
You are a concept,  
Fashioned in our minds, each to each,  
To hide our separate fears,  
To dream our separate dreams.*

Você não é um país, África,  
Você é um conceito,  
Formado em nossas mentes, uma por uma,  
Para ocultar os nossos medos separados,  
Para sonhar nossos sonhos separados.

Uma lição que eventualmente podemos reter deste exercício é a plasticidade conceptual de África que nos permite recriar os seus contornos a luz da imaginação. Essa maleabilidade da África chega a torná-la vulnerável ao uso e abuso, como denuncia Sansone (2002: n.p).

Durante o intercâmbio transatlântico que levou à criação tanto da cultura negra tradicional quanto da moderna, a ‘África’ tem sido incessantemente recriada e desconstruída. A ‘África’ tem sido um ícone contestado, tem sido usada e abusada, tanto pela intelectualidade, quanto pela cultura de massas; tanto pelo discurso da elite quanto pelo discurso popular sobre a nação e os povos que supostamente criaram e se misturaram no Novo Mundo; e, por último, tanto pela política conservadora como pela progressista.

Sansone (2002) sustenta que na América Latina, a ‘África’ tem sido não só parte da construção da cultura negra, da cultura popular e de um novo sistema religioso sincrético, mas também do imaginário associado à nação moderna e, em geral, à modernidade e ao modernismo. Segundo Sansone (2002), imagens, evocações e (ab)usos da ‘África’ têm sido, portanto, resultado de uma interação e de um conflito entre intelectuais brancos e lideranças negras, entre as culturas popular e de elite, e entre ideias políticas desenvolvidas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos e suas reinterpretações na América Latina. Ou seja, a ‘África’ no Brasil tem sido em grande medida o resultado do sistema de relações raciais, muito mais do que da capacidade de preservar o que Herskovits (1941) chamou de africanismos.

Na reflexão que se segue não proponho uma releitura ou recriação abusiva de África. Pretendo sugerir a formulação criativa não da África em si, mas de um espaço de encontro entre a África e o Brasil. Ou seja, entre pedaços de África e pedaços do Brasil. Este espaço criativo é também um espaço das relações sociais entre africanos e brasileiros. Um espaço metamorfoseado, um espaço de encontros reais (físicos) de face-a-face, mas também de encontros virtuais. Um espaço e um tempo que transcende os limites do espaço e do tempo geográfico e físico. Um espaço e tempo histórico, mas também real e futurista. Trata-se de um espaço e tempo de encontro, das relações entre as africanidades e a brasilidades reinventadas perpetuamente no dia-a-dia. Um espaço em que a africanidade não é tida na sua essencialidade, mas onde se reconhece o contínuo movimento dinâmico de africanização que tem lugar no quotidiano. Do mesmo modo, as brasilidades aqui evocadas não são apenas plurais, mas dinâmicas num constante processo de brasilização. A africanização e a brasilização, neste sentido, reportam a entendidas identidades em perpétua construção, mutação, em constante fazer, desfazer e refazer (SIMMEL, 1983, 1996).

Esse é o espaço da Afro-brasilização. A afro-brasilização não é, portanto, apenas um espaço físico, social, real ou imaginário que ocorre no Brasil, mas também, e cada vez mais, um espaço social, real e virtual, os lugares e não-lugares, onde o processo de sociabilidade entre africanos e brasileiros tem lugar dentro e fora do Brasil. A sociabilidade é entendida a partir do referencial teórico de Simmel (1983), que a define como forma específica do processo geral de sociação. A sociação é constituída pelos impulsos, motivos, interesses e objectivos dos indivíduos. Esse conjunto de interesses e objectivos assume formas e conteúdos diferenciados. A sociedade, neste sentido, é uma condição de possibilidade que depende da interação dos indivíduos. A afro-brasilização, nesta lógica, resulta da interação em múltiplos espaços reais e virtuais entre africanos e brasileiros. Assim, a afro-brasilização constitui um acto permanente de actualização e transformação das estruturas da africanidade e da brasilidade.

Para Simmel (1996), a sociedade é produto da sociação entre os indivíduos que interagem entre si e com os outros. As formas de interações se desenvolvem em um determinado contexto social. Por isso, na visão de Simmeliana, a sociedade caracteriza-se como sendo dinâmica, em constante transformação e permanente construção. Nesse processo, de múltiplas e variadas

formas de interação, os indivíduos, actores socializados, jogam uns com os outros, contra os outros e contra si mesmo. Tal é concebida a afro-brasilização, não apenas como um resgate do passado histórico africano, mas como um permanente acto de reconfiguração da África e do Brasil resultante da intensificação das interações de uns com os outros no dia-a-dia.

A vida em sociedade é um constante fazer, desfazer e refazer, repetindo uma série de formas de convivência e relações de aproximação e de separação, de acções e reacções recíprocas entre os indivíduos, de consenso e conflito, de competição, dominação-subordinação, comuns ao jogo da sociabilidade. Essa característica dos homens, de poder associar e dissociar, reforça a ideia da impossibilidade de concretização das “formas puras” e o da inevitabilidade da relação entre os opostos (SIMMEL, 1996).

Neste ensaio procuro dar substancia afro-brasilização através da sua descrição como um espaço de sociabilidade, como uma sociação, e como uma condição de possibilidade. A construção social da afro-brasilização não inicia com a criação do conceito que dá conta dessa realidade. A construção da afro-brasilização é um processo histórico, contínuo e perpétuo. Iniciou de forma trágica e menos humanista com a chegada de um negreiro<sup>3</sup>, mas tem prosseguido de forma progressista e humanista acelerada pela força da compressão tecnológica do tempo e do espaço. No lugar do negreiro o jato e o portento da Internet.

### **A afro-brasilização como objecto de conhecimento**

A possibilidade de recuperar a afro-brasilização como objecto de conhecimento não passa, necessariamente, pelo (r)estabelecimento real ou imaginário dos laços de ligação histórica, genealógica e biográfica da diáspora negra com o continente africano, mas por reconhecer outros eixos no processo de construção de identidades sociais decorrentes de processos de *identificação* e *identização* dinâmicos que ocorrem no quotidiano em múltiplos espaços e de forma cada vez mais acelerada devido ao advento das tecnologias de comunicação e informação.

É incontestável que, actualmente, assistimos a um processo de mudança social em todas as dimensões da vida em sociedade. O impacto das tecnologias de informação e comunicação

---

<sup>3</sup> A referência é aos navios que eram usados para transportar escravos.

(TICs) faz-se sentir sobre toda a vida social, seja no trabalho, no lazer e nas relações entre os indivíduos, principalmente na maneira com que se comunicam. A afro-brasilização não nasce com e através das TICs, mas seu processo de consolidação torna-se cada vez mais célere e evidente com as TICs e dessa forma ganha maior visibilidade.

O Brasil entra todos os dias, janelas a dentro real ou virtualmente, para as casas de milhares de famílias africanas. As Áfricas, por seu turno, entram todos os dias de forma diversa e por meios variados para as casas de milhares de brasileiros. Ancorar o conhecimento do Brasil e das Áfricas apenas sobre o eixo da continuidade descontínua do passado escravocrata é arriscar a recuperar para o nosso imaginário contemporâneo uma África e um Brasil anacrônico, sincrónico, e inerte num contexto marcado por um cada vez maior fluxo de interações e das relações afro-brasileiras.

Nessa teia de interações reais e virtuais novas formas de sociação são criadas. Há cada vez mais casamentos entre africanos e brasileiros, relacionamentos, trocas comerciais, intercâmbio académico e cultural, visitas de turismo, relações diplomáticas etcetera. Essa realidade precisa de ser interpretada a luz de novos quadros conceptuais, sob o risco de se não o fizermos reproduzirmos um desconhecimento de nós, portanto, um conhecimento anacrónico.

O conceito de *afro-brasilização* aqui proposto e introduzido pretende ser uma saída heurística, uma categoria analítica e sociológica que nos permite dar conta de processos de constituição de relações sociais, geradoras de identidades sociais complexas que ocorrem nos múltiplos espaços de sociabilidade entre brasileiros e africanos. Este conceito é operacionalizado na sua dimensão das identidades sociais a partir da qual são trazidos exemplos que ilustram a constituição de espaços cada vez mais amplos decorrentes de relações sociais entre brasileiros e africanos.

O conceito é uma alternativa à forma de lançar olhares para a África, comum em algumas abordagens sobre a necessidade do reconhecimento da influência das culturas africanas na constituição da realidade social brasileira. A afro-brasilização, ao invés do idílico retorno a África imaculada, sugere a africanização do Brasil e a brasilização da África como um desafio epistemológico e metodológico de actualizarmos nossos referenciais teóricos e quadros analíticos para dar conta de uma relação dinâmica. Na análise da afro-brasilização não se pode

descurar o legado histórico, como podemos (re)criar espaços de sociabilidade, possibilidades emancipatórias, mas também desvelar relações de colonialidade de poder (MIGNOLO, 2003).

A tese que defendo nesta comunicação, portanto, é de que a africanidade e a brasilidade não existem, enquanto entidades perenes. O que existe é um processo contínuo, de uma continuidade descontínua de africanização do Brasil e de brasilização de África. Neste sentido, podemos falar de momentos de Afro-brasilização. A afro-brasilização é um fenómeno que ocorre quotidianamente tanto no Brasil como nas áfrias, mas podemos identificar momentos de intensidade durante o processo histórico das relações entre o Brasil e a África e vice-versa. Esses momentos correspondem a tipos de sociedade e de conhecimento distintos sobre a África e o Brasil. Segundo Simmel (1996), a sociedade é produto das interações entre os indivíduos, concebidos como actores sociais. Dentro dessa perspectiva, o conceito de sociedade também muda, pois, na concepção corrente, uma sociedade é uma unidade que está limitada a um determinado território ou localidade. A afro-brasilização não se limita a um determinado território ou localidade, mas constitui-se nos múltiplos e diversos espaços de sociabilidade, reais, imaginários e virtuais que ocorrem entre as Áfrias e os Brasis.

### **Contexto social de produção da Afro-brasilização**

A afro-brasilização é um produto das relações histórico e social entre a África e o Brasil durante séculos. Essa relação diz respeito há pelo menos mais de três séculos desde os tempos da escravidão (CAVALHEIRO, 2008) aos dias de hoje marcados pelo intensificar de ligações socioeconómicas entre Estados soberanos (JAMINE, 2012). A noção de afro-brasilização neste sentido se concretiza e actualiza nos vários momentos históricos de encontros entre africanos e brasileiros. Esses momentos estão inscritos e se manifestam na constituição das sociedades em geral, mas também das instituições, como é o caso da família, do namoro, da religião, e até do pensamento social. Por uma questão prática, mas sem pretender reduzir a formidável complexidade e diversidade dos encontros entre africanos e brasileiros em múltiplos espaços de sociabilidade, limito-me a destacar de forma típica três momentos marcantes de afro-brasilização.

*Afro-brasilização trágica*

O primeiro momento de afro-brasilização ocorreu em circunstâncias trágicas e é responsável pela imagem forte da presença escravocrata do negro nas Américas. A afro-brasilização, neste sentido, é circunscrita ao vínculo histórico com a escravidão. O Brasil foi o país que recebeu o maior número de escravos vindos da África. As estimativas vão de três a quinze milhões de africanos deportados para a costa brasileira. O comércio de escravos começou mais cedo e terminou mais tarde que em qualquer outro país do Novo Mundo. As terríveis condições de vida, os baixos custos dos escravos em certos momentos da história e a relativa proximidade em relação à África são três razões-chave para o facto de África e Brasil terem tido um contacto muito maior do que o intercâmbio que ocorreu entre a África e a outra grande sociedade escravagista – os Estados Unidos (SANSONE, 2002). Tudo isto fez com que o Brasil tivesse em pouco tempo a maior concentração de descendentes de africanos fora da África. Não interessa aqui, por uma questão de economia de tempo e espaço, elaborar sobre origem dos escravos no Brasil.

Os escravos eram postos para trabalhar em várias actividades; em primeiro lugar, nas plantações de cana-de-açúcar, depois nas minas, nas plantações de café e na criação de gado. Com efeito, uma parte dos escravos trabalhou em serviços domésticos, enquanto outros ainda se engajaram numa série de actividades, da pesca ao comércio ambulante. Alguns escravos conseguiram desenvolver suas próprias actividades económicas e ganharam dinheiro em seu tempo livre (SANSONE, 2002). Não pretendo trazer para aqui a discussão sobre a melhor forma de caracterizar este período. O facto é que a actual sociedade brasileira é produto de um processo de afro-brasilização que se inicia pela via menos humanizante que a história da humanidade conheceu. Essa história está melhor retratada na mais variada literatura que capta a história social do Brasil escravocrata (BASTIDE, 1967; NABUCO, 1977 [1883]).

Ainda que este período seja aquele que marcadamente dominou as relações entre o continente africano e o Brasil durante cinco séculos, existem outros períodos e contextos, não menos importantes, em que o pano de fundo, o substrato axiológico da relação entre a África e o Brasil não são marcados por relações escravocratas e a busca das origens africanas do Brasil. Esta observação não pretende de modo algum subestimar a importância política, para os afro-

brasileiros, de manter viva por razões emancipatórias a ligação com a herança escravocrata no Brasil. Como refere Moore (2010) durante muito tempo as diásporas africanas escravizadas no exterior tiveram de forjar uma visão idílica do continente africano para existir, resistir e se manter. Como diria Marx (1978) exigir as pessoas a acabarem com as ilusões sobre uma situação é exigir a acabarem com uma situação que precisa de ilusões. Ao nível do conhecimento é preciso muito trabalho para resgatar o legado dos africanos para a constituição da sociedade brasileira contemporânea. Como argumenta Castro (2012) se as vozes dos quatro milhões de negro-africanos que foram trasladados para o Brasil ao longo de mais de três séculos consecutivos não tivessem sido abafadas e silenciadas pela História, por negligência ou preconceito acadêmico, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não permaneceram mudos. Participaram da configuração do português brasileiro e são responsáveis pelas diferenças que afastaram o português do Brasil do de Portugal.

Entretanto, porque o curso da história não para, é também preciso reconhecer que o processo de afro-brasilização, por outras vias, continuou e continua ainda hoje com cada vez maior expressão. Nesse processo, e cada vez mais, novas gerações de africanos e brasileiros partilham novas angústias, novos sonhos, novas ideias, velhos problemas, mas num contexto axiológico complexo, diferenciado e distinto do passado. Não se pode, por exemplo, exigir de um negro africano, nascido em finais do século XX, num país africano independente, que estudou em várias partes do mundo, i.e., na Europa, e nos Estados Unidos, incluindo o Brasil, enamorou-se com uma brasileira, tiveram filhos, afro-brasileiros, com metade de seus amigos feitos no Facebook, dizia, não se pode exigir que este negro africano tenha a mesma consciência daquela de um jovem, negro, nascido na Bahia, militante do movimento negro. Portanto, o significado ‘afro’ do afro-brasileiro, com descendência e experiência escravocrata, não pode ser o mesmo do ‘afro’ da afro-brasilização. Essas duas noções não comportam uma mesma experiência histórica nem realidade social. Os espaços e contextos de sociabilidade entre Africanos, de todas as cores e origens sociais, e Brasileiros de todas as cores e origens sociais, simplesmente se ampliaram, diversificaram e se complexificaram. Esse é um processo inexorável e afro-brasilização.

### *Exílio e a busca do sonho socialista*

Um segundo momento no processo de afro-brasilização decorre da euforia das independências africanas nos anos 1960 e se prolonga até finais dos anos 1980 com o desfecho da ditadura militar e o advento da democracia no Brasil. Neste momento, vários países africanos, não só serviram de refúgio para exilados políticos vindos do Brasil, mas a epopeia libertária das independências africanas alimentou o imaginário emancipatório de muitos brasileiros. Se em África as crianças nascidas neste período eram postas nomes de figuras emblemáticas que representavam este desiderato emancipatório, como Jânio Quadros<sup>4</sup>, no Brasil crianças eram dadas nomes de líderes africanos como, Kwame Nkrumah, Julius Nyerere, Patrice Lumumba, Samora Machel e por em diante.

Segundo, Massena (2008-2009) o exílio brasileiro do período da Ditadura Militar pode ser dividido em três fases e abrange indivíduos de diferentes gerações. A primeira fase de exílio aconteceu logo após o golpe de 1964 e envolveu tanto políticos experientes, que já actuavam antes do golpe, quanto militantes mais jovens. Nesta fase, quando partiam para o exílio, na maioria das vezes, já eram homens e mulheres maduros e definidos profissionalmente. Segundo Rollemberg, citada por Massena (2008-2009), o grande pólo de concentração dos exilados, neste momento, foi Montevidéu, capital do Uruguai. A segunda fase está relacionada à geração de 1968 e foi formada por militantes mais jovens e críticos ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), em grande parte provenientes do movimento estudantil e integrantes de organizações ligadas à luta armada. Esta geração tinha como referência o movimento estudantil, as greves, a luta armada e os sequestros de embaixadores. Quando esses jovens partiram para o exílio ainda não possuíam uma profissão definida, foi então no exílio onde vivenciaram seus anos decisivos de formação como indivíduos e profissionais (ROLLEMBERG, 2007 citada por MASSENA, 2008-2009). Segundo Massena (2008-2009), esta geração afastou-se da de 1964 e via-se como o recomeço; possuía uma postura crítica em relação às experiências anteriores de luta, acreditando que a derrota de 1964 estava associada aos erros cometidos pelo PCB. A geração de 64, por sua vez, considerava a de 68 sem rumo e sem futuro, um grupo de aventureiros. As duas gerações tinham

---

<sup>4</sup> O meu irmão, a quem sigo, chama-se Jânio V. Q. Langa, nome posto pelo meu pai em homenagem a Jânio Quadros pelo seu carisma e visão política no que respeita a relação do Brasil com a África.

por objectivo, ao partirem para o exílio, permanecer na América Latina em função da proximidade com o Brasil. Neste sentido, o golpe militar em setembro de 1973 no Chile teve um grande significado, pois muitos brasileiros exilados neste país foram obrigados a deixá-lo e a se dirigirem a Europa.

A partir de então, a volta ao Brasil tornou-se mais difícil e aumentou a percepção de que o período de exílio seria longo. Nos anos que antecederam o golpe militar no Chile, alguns brasileiros exilados ainda pensavam na possibilidade de se reorganizarem no exílio para retornar e lutar no Brasil contra a Ditadura. No entanto, o golpe no Chile e o desmantelamento de diversas organizações de esquerda no Brasil no mesmo ano de 1973 mostravam a impossibilidade desta ideia (MASSENA, 2008-2009).

### *Rumo à África*

O projecto de construção do socialismo em África fortaleceu-se a partir da segunda metade da década de 1970. Vários factores, tais como a língua, a posição política adoptada e a valorização profissional, atraíram os exilados brasileiros para países africanos. Começou, então, a terceira fase, a qual é entendida e descrita por Denise Rollemberg como de migração no exílio. Nesta fase, uma das motivações foi o factor económico, entretanto, isso não anulou as questões políticas que empolgavam e seduziam muitos exilados brasileiros, revalorizando as suas histórias, o seu passado, redefinindo as perspectivas. Segundo Rollemberg, citada por Massena (2008-2009), estes brasileiros queriam ir ver, actuar, participar, viver as transformações.

Os exilados brasileiros, neste momento, vinham em sua maioria de outros países e não do Brasil. Na Europa, a participação política estava restrita à denúncia dos crimes cometidos pelo governo brasileiro. Em África seria possível retomar a luta, viver e trabalhar em países que tinham projectos de governo socialista. Angola e Moçambique foram dois destinos preferenciais para muitos brasileiros durante o período da epopeia socialista. Portanto, temos mais uma instância de produção de espaços de sociabilidade geradora de realidades e identidades sociais hibridizadas em processos de afro-brasilização.

*A afro-brasilização na era da globalização*

O terceiro momento de Afro-brasilização é marcado por uma nova e maior aproximação entre o Brasil e os países africanos, particularmente os de língua oficial portuguesa. O Brasil tem intensificado esforços para forjar relações próximas com os países do continente africano (WHITE, 2005; HIRST, 2009). Posicionado como a sexta maior economia global, o Brasil compete com outras potências emergentes como a China e a Índia para desempenhar um papel central num continente rico em recursos naturais. Nunca antes o Brasil teve representações diplomáticas em quase todas as capitais africanas como ocorre actualmente (HIRST, 2009). Empresas brasileiras que procuram fazer negócios no continente tendem a contratar e treinar mão-de-obra local e oferecer projectos sociais para promover o desenvolvimento local – em Angola, por exemplo, a construtora brasileira Odebrecht tornou-se o maior empregador privado do país.

Em Moçambique, a Vale do Rio Doce também solicitou às autoridades locais para que formassem técnicos nas áreas de sua actuação. Estes novos espaços de interação e sociabilidade ainda não mereceram a devida atenção dos cientistas sociais habituados a pensar as relações entre Brasil e a África a partir de um viés culturalista de resgate de um mito de origem de ancestralidade africana. Mas, mais importante do que constatar a emergência de novos factores económicos e geopolíticos na configuração da ordem social, com a crescente influência da China e Índia, que ditam a reaproximação do Brasil com a África, importa reflectir sobre novos desafios que se colocam para o conhecimento das realidades africanas e as brasileiras dentro e fora dos limites territoriais e de temporalidade. As relações económicas são apenas uma face da moeda. Com aquelas, para aquelas e/ou a partir delas forjam-se múltiplos espaços de interação entre Brasil e África. O intercâmbio científico, académico entre o Brasil e a África tem levado e trazido Africanos e Brasileiros que por essa via estabelecem laços sociais por vezes duradouros. A incursão da televisão brasileira no espaço cultural dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tem um impacto profundo na estruturação desse espaço social e simbólico (WANE, 2011a, b). A penetração das igrejas Evangélicas e Pentecostais brasileiras no âmago da religiosidade e do sistema de crenças dos países africanos (GASPAR, 2006). O Brasil e a África vêm estreitando e intensificando as suas relações e alargando espaços de sociabilidade. Essas

relações, como toda a relação social, são de poder, não sendo de descartar a possibilidade da dominação devido a distribuição desigual dos recursos de poder.

Ao longo da última década, Brasil e Moçambique vêm estreitando progressivamente os seus laços através de uma série difusa de intercâmbios nas mais diversas áreas e a partir daí, retomando conexões há muito tempo adormecidas, a despeito da história comum que liga os dois países na sua origem. Um e outro foram colônias de Portugal. E ainda que o tenham sido em contextos diferentes, é possível verificar a existência de diversos pontos de contato que possibilitam novas partilhas de ações e significados no mundo contemporâneo globalizado. Entretanto, trata-se de uma relação bastante desigual, em função da condição geopolítica de cada um: de um lado, temos um Brasil que surge como potência mundial emergente e de outro, um Moçambique recém-recuperado de um conflito armado que deita suas raízes na Guerra Fria. Nesse sentido, as recentes trocas verificadas entre ambos são portadoras de novos horizontes na medida em que chegam para preencher uma enorme lacuna de desconhecimento mútuo produzido no contexto das ordens mundiais anteriores (WANE, 2010, n.p).

O aspecto central a destacar é, portanto, a ampliação dos espaços de sociabilidade e a intensificação do processo de afro-brasilização. É a inteligibilidade das cada vez mais complexas relações entre as Áfricas e os Brasis que colocam desafios epistemológicos e metodológicos. O que significa conhecer a África e o Brasil hoje? Como se acede a esse conhecimento da África e o Brasil hoje? Que contributo as ciências sociais podem oferecer-nos para tornar essa realidade das relações Africa e Brasil inteligíveis? Estas são questões que deveriam orientar as análises sobre as relações entre a Africa e o Brasil contemporâneo.

### **Alguns desafios episteme e metodológicos**

Uma proposição fundamental no âmbito da sociologia do conhecimento e da epistemologia sugere que a produção de conhecimento ocorre sobre determinadas condições teóricas e sociais que influenciam o produto, conhecimento. As condições teóricas referem-se, por um lado, ao estado da problemática, no sentido de conjunto articulado de questões, num campo científico específico, os problemas actuais e virtuais que essa problemática permite formular. Por outras palavras, que perguntas são legítimas ou não no processo de produção de

conhecimento sobre determinada realidade. Por outro lado, que meios de trabalho, que instrumentos teórico-metodológicos estão disponíveis para abordar os problemas considerados pesquisáveis. Um desafio epistemológico e metodológico para o estudo dos processos de afro-brasilização consistiria em ampliar o campo de produção conceptual capaz de dar conta da transformação social da realidade social africana e brasileira. A principal característica das sociedades africanas é o estado permanente de mudança. Esta constatação pode parecer ao princípio estranha, pois existe a tendência de identificar estas sociedades com a estagnação (MACAMO, 2002). Entretanto, começam a surgir iniciativas criativas do campo das literaturas, das artes, do cinema, da sociologia das sociedades africanas levadas a cabo tanto por brasileiros como por africanos ou por ambos que já dão conta dessa dimensão da transformação social. As comunicações deste I Congresso Africanidades e Brasilidades organizadas pela Ufes são disso um testemunho.

As condições sociais, por seu turno, referem-se a variedade de estruturas e práticas do contexto social em que a actividade de investigação acontece e que interfere (inexoravelmente) na produção do conhecimento. Por outras palavras, o contexto ideológico em que determinados processos de produção de conhecimento ocorrem pode e tem impacto na natureza do conhecimento produzido. Parte significativa da actual produção de conhecimento sobre a África no Brasil é influenciada pela posição política determinada pela aprovação da Lei nº. 10.639/2003 que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". A própria investigação e crítica sobre temáticas africanas e brasileiras, neste contexto, serão influenciadas por este contexto social de produção. A incisiva expansão económica do Brasil pela África oferece-nos outro pano de fundo para a análise das relações entre as duas entidades. Desde modo, é possível perceber como contextos socio-históricos, económicos, políticos e culturais influenciam as problemáticas teóricas sobre o estudo da África e do Brasil, assim como transformações sociais foram alterando e propondo novas abordagens teóricas aos problemas.

## Considerações Finais

A preocupação de fundo neste ensaio é a questão de saber como é possível o conhecimento das relações entre a África e o Brasil hoje enquanto entidades socio-históricas e geopolíticas dadas as condições teóricas e sociais de sua produção. Que desafios e possibilidades se colocam que nos facultam ou dificultam a recuperação gnosiológica dessas realidades. A hipótese de trabalho considera o que processo de conhecimento da África e do Brasil não poderá descurar da necessidade da síntese dos três momentos de afro-brasilização discutidos neste texto. O encontro trágico pela via escravocrata, a epopeia das independências africanas, o exílio brasileiro em África, e o contexto mais recente da globalização.

O processo de produção de conhecimento da realidade africana e brasileira, hoje, passa pela combinação de pelo menos três eixos concorrentes: a) o eixo do processo *histórico-biográfico*; b) o eixo da *identificação* e; c) um terceiro eixo da *identização*. Estes três eixos articulam-se com as condições teóricas e sociais que determinam o tipo de conhecimento que se pode produzir sobre a África e o Brasil. Por um lado, é na trajetória do processo histórico-biográfico que podemos encontrar os condicionalismos sociais que determinaram o tipo de conhecimento que se produziu sobre a África e sobre o Brasil. Por outro lado, a experiência histórica de cada sociedade combinada com os avanços da produção teórica de cada sociedade, as diferenças dos processos sociais, informa as convergências e distinções que podemos estabelecer na análise da constituição das duas sociedades. A África e o Brasil não são, estão sendo. Estas entidades não são fixas, inertes e perenes. Segundo Moore (2010), existem nelas marcas persistentes do passado sobre o presente que configuram o futuro. A África e o Brasil são entidades em permanente transformação, sociedades em perpétua construção e reconstrução, num permanente fazer, desfazer e refazer, para colocar as coisas a maneira de Simmel (1996). Neste processo de africanização e brasilização, a africanidade e a brasilidade, representam apenas momentos de sincronia, portanto contrária a diacronia dessas identidades que se manifesta e ganha visibilidade na afro-brasilização.

## Referências

- ADESANMI, Pius. *You're Not a Country, Africa: A personal History of the African Present*. Cape Town: Penguin Books, 2011.
- BASTIDE, Roger. *Les Ameriques Noires*. Paris: Payot, 1967.
- CAVALHEIRO, Eliane. Prólogo. In: MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização no cotidiano brasileiro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Nandyala Editora, 2008.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Camões com Dendê*. Africanos - Muito além da escravidão. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Ano 7, n. 78, mar. 2012.
- GASPAR, Dowyvan. G. 'É dando que se recebe'. *Igreja Universal do Reino de Deus e o Negócio da Fé em Moçambique*. Dissertação de Mestrado (Não Publicada). Universidade Federal da Bahia, 2006.
- HERSKOVITS, Melville. *The Myth of the Negro Past*, New York: Harper & Bros, 1941.
- HIRST, Monica. *An Overview of Brazilian Foreign Policy in the 21<sup>st</sup> Century*. 2009. Disponível em: <[http://www.saiia.org.za/images/stories/pubs/briefings/saia\\_spb\\_06\\_hirst\\_20091130.pdf](http://www.saiia.org.za/images/stories/pubs/briefings/saia_spb_06_hirst_20091130.pdf)>. Acesso em: jul. de 2012.
- IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- JAMINE, Elísio. *A Política Externa do Brasil para Africa Austral*. Revista Inter-Universitária: Economia Política e Desenvolvimento. vol. 2, n. 2, p. 55-78, 2012.
- MACAMO, Elísio. A constituição de uma sociologia das sociedades africanas. *Estudos Moçambicanos*, 19 p. 5- 26, 2002.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- MASSENA, Andreia Prestes. *Entre Brasil e Moçambique: os caminhos percorridos no exílio*. 2008-2009. Disponível em: <[http://www1.tau.ac.il/eial/index2.php?option=com\\_content&task=view&id=285&pop=1&page=0&Itemid=178](http://www1.tau.ac.il/eial/index2.php?option=com_content&task=view&id=285&pop=1&page=0&Itemid=178)>. Acesso em: jun. 2012.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MKANDAWIRE, Thandika. 'Running while others walk': knowledge and the challenge of Africa's development. *Africa Development*, vol. 36, n. 2, p. 1-36, 2011.
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- MUDIMBE, Valentim. Y. *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge (African Systems of Thought)*. 1988.
- NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977[1883].

NICOL, Abioseh. The Meaning of Africa. *African Soulja. African Poetry Review*. 2011. Disponível em: <<http://afrilingual.wordpress.com/2011/08/18/the-meaning-of-africa-%E2%80%93-abioseh-nicol/>>. Acesso em: jun. 2012

SANSONE, Lívio. *Da África ao Afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX*. 2002. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Da-Africa-ao-Afro-uso-e-abuso-da-Africa-entre-os-intelectuais-e-na-cultura-popular-brasileira-durante-o-seculo-XX.pdf>>. Acesso em: jul. 2012.n.p

SIMMEL, Georg. *A ponte e a porta*. Política & Trabalho, João Pessoa, n. 12, p. 10-14, set. 1996.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

WANE, Márlíio. *A televisão brasileira em Moçambique*. Pambazuka News, ed. 35, 2011a. Disponível em: <<http://pambazuka.org/pt/category/features/69772>>. Acesso em: jun de 2012.

WANE, Márlíio. *A peleja da Mulher Melancia com o Bispo Macedo em Moçambique*. Online. Disponível em: <<http://www.sociologia-mocambicana.blogspot.com/2011/05/peleja-da-mulher-melancia-com-o-bispo.html>>. Acesso Julho 2012. 2011b.

\_\_\_\_\_. *O Brasil de Lula em Moçambique*. Pambazuka News, ed. 33, 2010. Disponível em: <<http://pambazuka.org/pt/category/features/68735>>. Acesso em: jun. de 2012.n.p

WHITE, Lyal. *Small Business: The Case of Brazil*. 2005. Disponível em: <[http://www.saiia.org.za/images/upload/Best%20Prac%20No.5\\_Brazil.pdf](http://www.saiia.org.za/images/upload/Best%20Prac%20No.5_Brazil.pdf)>. Acesso em: jul. 2012.

**Recebido em: 01/10/2012. Aceito em: 20/10/2012.**